

# Especificidade Epistemológica do Jornalismo

Desfazendo uma ilusão do jornalismo cidadão \*

António Fidalgo

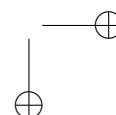
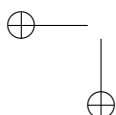
fidalgo@ubi.pt

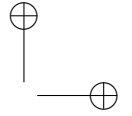
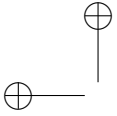
Universidade da Beira Interior

O jornalismo cidadão advoga um jornalismo de todos para todos, não fazendo distinção entre a informação dada por um qualquer cidadão e a informação dada por um jornalista. A Internet, ao possibilitar à página web de um qualquer cidadão uma divulgação semelhante ou até superior à divulgação de um jornal, criou a ilusão de que uma informação teria como primeiro critério jornalístico a dimensão do auditório. Ignorou-se a especificidade da informação noticiosa. O texto clássico de Robert E. Park “*News as a Form of Knowledge*” (1940) expõe a diferença do conhecimento jornalístico face a outros conhecimentos, nomeadamente ao científico e ao quotidiano, e questiona desse modo a indiferenciação informativa subjacente à ideia de jornalismo cidadão. Com isso salvaguarda também a especificidade do jornalismo enquanto profissão.

---

\*Publicado em Gustavo Cardoso, Francisco Rui Cádima, Luís Landerset Cardoso, orgs, 2009, *Media, Redes e Comunicação*, Lisboa: Obercom, pp. 219-230.





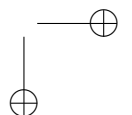
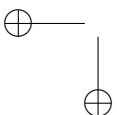
## 1– O jornalismo em mudança

O livro de Dan Gillmor, *We the Media*,<sup>1</sup> ao reclamar um jornalismo de base, pelo povo e para o povo, acaba também por atribuir um novo papel aos jornalistas. A estrutura tradicional da informação jornalística com os habituais elementos bem definidos de fontes, mediadores e receptores, esboroa-se face às novas realidades provocadas pelas inovações tecnológicas, transformações sociais e diferentes atitudes culturais e políticas. Os processos informativos lineares do jornalismo enquanto discurso unilateral, de produtores de notícias para consumidores de notícias, dos jornalistas para os leitores, ouvintes, espectadores, estão a ser substituídos por processos multilaterais, onde a informação evolui para uma espécie de “conversa” ou “seminário” onde todos fazem ouvir a sua voz. Assim, a diluição das linhas de fronteira entre quem faz ou dá as notícias e quem as recebe ou consome obriga a uma alteração dos respectivos papéis. Do lema central do livro, de que há um jornalista em cada cidadão, decorre o corolário duma inevitável redefinição de jornalista enquanto profissional.

Na defesa de um jornalismo de base, de cidadãos para cidadãos, Gillmor afirma por diversas vezes ao longo do livro que os seus leitores sabem mais do que ele e que isso altera radicalmente a forma como se faz jornalismo. Com efeito, daqui infere que sobre qualquer assunto há sempre algum leitor que, de uma maneira ou de outra, sabe mais que o jornalista que dá a notícia ou que pelo menos pode contribuir com informação adicional relevante para o assunto. Se a prática do jornalismo empresarial é a de ignorar os possíveis contributos dos seus leitores, de manter uma clara divisão de tarefas, onde os jornalistas informam e os leitores são informados, o jornalismo cidadão deve reconhecer que os leitores têm desde logo uma palavra decisiva a dizer sobre o que lhes interessa, isto é sobre

---

<sup>1</sup>Dann Gillmor, 2006, *We the Media. Grassroots Journalism by the People to the People*, O'Reilly.



a feitura e selecção de notícias, e que, numa fase seguinte, devem ser incluídos como participantes de pleno direito no processo noticioso. Os jornalistas têm de abandonar a posição arrogante de que são eles os que sabem, os que têm a competência para decidir o que é e não é notícia, e de, numa atitude mais colaborativa e humilde, aproveitar os múltiplos contributos que chegam dos leitores.

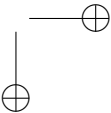
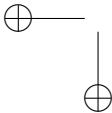
A posição de Gillmor parece ter tanto mais sentido quanto acompanha a evolução tecnológica e parece tirar dela o maior partido. O jornalismo de base é de facto um jornalismo tornado possível pelas novas tecnologias da informação, nomeadamente pela Internet, da facilidade de qualquer pessoa divulgar online, *urbi et orbi*, o que bem entender, e de poder reagir à mesma escala, ou seja, acessível a todos, à informação dos grandes grupos empresariais de comunicação. Gillmor não se cansa de sublinhar as fantásticas possibilidades da Internet e da radical democratização dos meios de divulgação online. Uma grande parte do livro é dedicada à componente tecnológica, de hardware e software, e de como se pode e deve tirar partido da tecnologia para fomentar a participação cívica de todos os indivíduos.

Por outro lado, a crise instalada nos média tradicionais parece também dar razão a Gillmor. Em particular a imprensa vive uma situação dramática, com uma diminuição abrupta de tiragens e de leitores, e sob a ameaça de uma extinção pura e simples num futuro não longínquo.<sup>2</sup> Os negócios não correm bem ao grande jornalismo empresarial, habituado até há poucos anos a grandes margens de lucro. E a crise reflecte-se na situação dos jornalistas. Há uma redução drástica das redacções e o os vínculos laborais são cada vez mais frágeis, com um recurso crescente a jornalistas *free-lancers*.

É indiscutível que o jornalismo, entendido como profissão, está também em mudança. Os jornalistas são forçados a adaptar-se, não

---

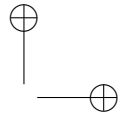
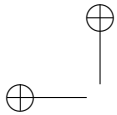
<sup>2</sup>Eric Alterman, “Out of Print. The death and life of the American newspaper” in *New Yorker*, 2008/03/31



apenas às novas tecnologias, nomeadamente adquirindo competências informáticas, mas também no modo de recolha de informação, de verificação e confirmação, e no modo de apresentação e difusão. Curiosamente, nos capítulos com um título específico sobre o papel dos jornalistas profissionais no jornalismo cidadão Gillmor não clarifica muito bem qual é esse papel. Assim, no subcapítulo “A Changing Role for Journalists” do capítulo 5 e no capítulo 6, intitulado “Professional Journalists Join the Conversation”, não encontramos explicitadas as diferenças específicas características dos jornalistas que fazem do jornalismo a sua profissão. No subcapítulo indicado limita-se a enfatizar a necessidade de haver por parte dos profissionais uma atenção aos blogs, mormente no que concerne a informação especializada, e no capítulo 6 assume, ainda que mediante uma citação,<sup>3</sup> a existência de jornalistas profissionais para fazer aquilo que tem sido e continua a ser a função do jornalismo tradicional, juntar os factos, fazer as perguntas certas às pessoas indicadas e reunir uma audiência significativa. No entanto, esta assunção é feita sob a reserva de que com a Internet a última palavra pertence à audiência e não aos jornalistas. O reconhecimento dos jornalistas profissionais e da sua especificidade vem no capítulo dedicado à credibilidade da informação veiculada por todos para todos e significativamente intitulado “Trolls, Spin, and the Boundaries of Trust”. Gillmor estipula uma hierarquia de confiança e aí os órgãos de comunicação reputados, como o *New York Times*, ocupam o topo da hierarquia.

De todas as maneiras, a mensagem central de Dan Gillmor é que uma nova era do jornalismo irrompeu e de que essa era é a de todos os cidadãos se assumirem como fontes e mediadores de informação e não apenas como consumidores, resultando daí a

<sup>3</sup> Página 111. A citação é de Jeff Jarvis: “*That doesn’t mean there isn’t a place for pro-journalists, who always be there –who need to be there– to gather the facts, ask questions with some measure of discipline and pull together a larger audience.*”



*fortiori* uma marginalização dos jornalistas profissionais. Aliás, a aceitação de jornalistas profissionais dentro do universo de todos como jornalistas é feita sob a reserva de que “cada vez mais o jornalismo é do domínio da audiência”,<sup>4</sup> aparecendo mais como uma concessão a um estado de coisas ainda em vigor, mas que com o decorrer do tempo essa aceitação já não fará sentido.

## **2- Mudança e mitos**

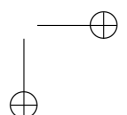
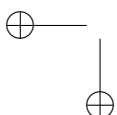
A ideia de que qualquer pessoa hoje em dia pode tornar-se num jornalista, graças às novas tecnologias da comunicação, é criticada vivamente por Sylvia Moretzsohn.<sup>5</sup> O jornalismo exige uma qualificação específica que o cidadão comum, por maior empenho que coloque no seu blog, não tem. Não é por uma pessoa saber cozinhar uma refeição, por melhor que seja, que se torna num cozinheiro, ou por pintar uma parede que se torna um pintor, ou por substituir uma lâmpada ou reparar um interruptor que se torna um electricista. A qualificação específica para se ser jornalista é o domínio de determinadas técnicas de aquisição e averiguação de notícias, de saber contextualizar a informação obtida, e a obediência a determinados princípios éticos para se orientar no terreno conflituoso do espaço mediático, onde concorrem múltiplos interesses.

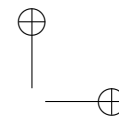
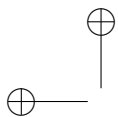
O jornalismo cidadão retoma a ilusão redentora da tecnologia. Sempre que uma nova tecnologia surge, as suas potencialidades são celebradas com euforia. Moretzsohn lembra o caso da rádio nos anos 20 e 30 do século XX, com a promessa da participação global. “Brecht vislumbrava o potencial transformador do novo meio, no qual o público não seria apenas receptor, mas também emissor: a radiodifusão teria exactamente essa perspectiva relacio-

---

<sup>4</sup>*ibidem*.

<sup>5</sup>Sylvia Moretzsohn, “O mito libertário do jornalismo cidadão” em *Comunicação e Sociedade* 9/10, Braga, 2006.



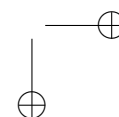
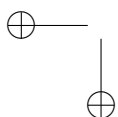


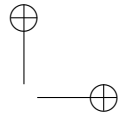
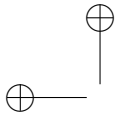
nal e interactiva em que se baseia hoje a internet”.<sup>6</sup> Mas também temos a televisão na décadas de 60 e 70 com a promessa de uma telescola para todos. As aldeias mais remotas poderiam ter um ensino de tanta qualidade como as crianças das cidades, pois que os melhores professores de um país preparariam as melhores aulas, acessíveis a todos indiscriminadamente. Porém, as extraordinárias potencialidades da rádio e da televisão eram tão verdadeiras quão parciais. Outras características dos novos meios tornaram-nos veículos privilegiados de propaganda (o uso da rádio pelos movimentos nacionalistas anteriores à II Guerra Mundial) e de entretenimento alienante (os reality shows televisivos) numa dimensão nunca dantes vista ou imaginada.

Sylvia Moretzsohn põe bem o dedo na ferida do chamado jornalismo cidadão ao examinar a inversão do filtrar e publicar. No bom jornalismo tradicional publica-se após uma filtragem à luz de procedimentos profissionais e deontológicos, no jornalismo participativo publicaria primeiro e filtraria depois, segundo a regra de que todos diriam o que têm a dizer e a selecção seria feita a posteriori. Que isto é um disparate é explicitado por Moretzsohn: “Não creio ser necessário dizer que, do ponto de vista das mais elementares regras deontológicas do jornalismo, esse procedimento seria no mínimo um disparate, pois significaria abrir o campo a todo tipo de boatos e de informações ?plantadas?, com as nefastas consequências que todos conhecemos”. Esse tipo de participação de todos, o “open source journalism”, trabalhando com o método wiki, funciona eventualmente em nichos muito específicos, em que as fontes também são consumidores, mas obviamente que não funcionará no domínio geral da informação social e política, justamente onde o “jornalista é aquele profissional autorizado a estar onde o público não pode

---

<sup>6</sup>*ibidem*, p. 64.





estar, e por isso tem direito ao acesso a fontes através das quais pode apurar as informações necessárias à sociedade”.<sup>7</sup>

### 3- O conhecimento noticioso

O artigo de Robert E. Park “News as a Form of Knowledge: A Chapter in the Sociology of Knowledge”, publicado em 1940 no *The American Journal of Sociology*, fundamenta a especificidade do jornalismo de uma perspectiva epistemológica. E é justamente mediante essa especificidade que a profissão de jornalista ganha uma justificação de direito. O artigo de Park termina com a afirmação de que um dos acontecimentos mais importantes da civilização americana é o aparecimento da figura do jornalista.<sup>8</sup>

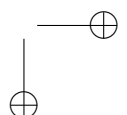
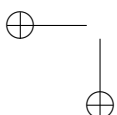
O ponto de partida de Park é a distinção traçada por William James entre “estar familiarizado com” (*acquaintance with*) e “conhecimento sobre” (*knowledge about*).<sup>9</sup> O primeiro tipo de conhecimento é o conhecimento intuitivo, não sistematizado, próprio do senso comum, e o segundo é o conhecimento formal, científico. Se o segundo tipo de conhecimento é bastante recente na história da Humanidade, podendo mesmo ser datado na civilização grega, o primeiro conhecimento é inerente ao ser humano. Este decorre do simples facto de estarmos no mundo e de nos irmos adaptando a ele. Advém do uso e do hábito como nos movemos no mundo, graças a sucessivas experiências.<sup>10</sup> É mediante este conhecimento de fa-

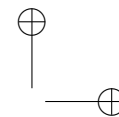
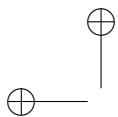
<sup>7</sup> *ibidem*, p. 69.

<sup>8</sup> “Ours, it seems, is an age of news, and one of the most important events in American civilization has been the rise of the reporter.”, P. 686:

<sup>9</sup> A distinção é retirada da obra de William James *The Principles of Psychology* de 1896.

<sup>10</sup> “Such knowledge may, in fact, be conceived as a form of organic adjustment or adaptation, representing an accumulation and, so to speak, a funding of a long series of experiences. It is this sort of personal and individual knowledge which makes each of us at home in the world in which he elects or is condemned to live.”, Pg. 670.





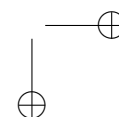
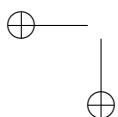
miliarização com o mundo, com os seus lugares e circunstâncias, que o mundo se transforma em habitat. Cada indivíduo tem o seu próprio processo de adaptação e assim, por modos inconscientes e informais, acaba por adquirir características particulares e pessoais. De tal modo pessoais e únicas que não as poderá comunicar ou passar a outros.

Park aponta tipos de familiaridade cognitiva como i) o conhecimento clínico, enquanto fruto da experiência pessoal, ii) o conhecimento técnico e as habilidades pessoais, e, por fim, iii) tudo o que é aprendido com a experiência de forma indirecta e inconsciente. Aliás, de um modo geral, o conhecimento que temos das outras pessoas e até da natureza humana em geral é deste tipo, como o é também o conhecimento que temos de nós próprios. É um conhecimento intuitivo, não sistemático e de difícil transmissão. De alguma maneira é um conhecimento de sobrevivência, que serve ao seu detentor para se adaptar ao meio envolvente. Park sugere a sua proximidade à selecção natural que deu origem às diferentes raças humanas, e às diversas espécies de fauna e flora.<sup>11</sup>

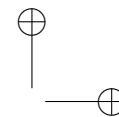
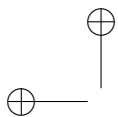
O conhecimento de familiaridade ou senso comum pode então ser caracterizado do seguinte modo: i) É o tipo de conhecimento que uma pessoa adquire inevitavelmente, mesmo sem querer, no contacto com o mundo à sua volta; ii) Conhecimento esse que resulta do uso e do hábito mais do que uma investigação sistemática. iii) Esse conhecimento pode ser entendido como forma orgânica de adaptação, consistindo numa cristalização de muitas experiências, e designa-se como tacto ou senso comum. iv) Uma vez adquirido este senso comum torna-se uma possessão privada e pessoal. v) É

---

<sup>11</sup>“One may, perhaps, venture this statement since the type of intuitive or instinctive knowledge here described seems to arise out of processes substantially like the accommodations and adaptations which, by some kind of natural selection, have produced the different racial varieties of mankind as well as the plant and animal species.” pg. 671.







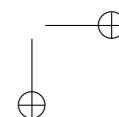
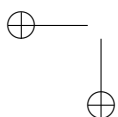
difícil formulá-lo ou comunicá-lo e quando mesmo assim se procura comunicá-lo é na forma de ditos populares ou máximas práticas.

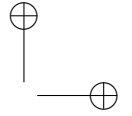
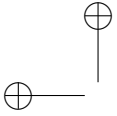
Por sua vez o conhecimento formal ou científico é um conhecimento exacto e preciso, onde as ideias substituíram a realidade concreta e as palavras substituíram as coisas. Tipos de conhecimento científico são i) a filosofia e a lógica que estudam as ideias; ii) a história que estuda os acontecimentos; iii) as ciências da natureza que estudam as coisas. A precisão do conhecimento científico advém do modo como fixou o próprio objecto: os conceitos e os números não são perturbados pelo fluxo incessante e geral das coisas. Assim, tornou-se possível uma investigação sistemática as coisas, formular hipóteses e verificá-las no confronto com a realidade e assim poder prever futuros eventos. Como característica mais importante deste conhecimento temos a possibilidade de facilmente o transmitir.

Embora sendo diferentes, senso comum e conhecimento formal não são tão diferentes que não possam ser concebidos como situando-se dentro de um mesmo contínuo. Ora é nesse contínuo que se situam as notícias como forma de conhecimento.

As notícias não são conhecimento sistemático como é, por exemplo, a física. Na medida em que incidem sobre acontecimentos, parecem-se mais com a história. Situados no espaço e no tempo, os acontecimentos que a história e as notícias tratam são únicos e, portanto, não podem ser classificados como coisas físicas. Contudo, as notícias também se demarcam bem da história. Enquanto esta procura relacionar os acontecimentos uns com os outros, as notícias incidem apenas sobre eventos isolados não intentando relacioná-los com outros, seja estes causas ou sequências teleológicas. O jornalista apenas se interessa pelo passado ou futuro em ordem a lançar mais luz sobre o evento presente. É que as notícias vivem apenas no presente, são notícias apenas enquanto são novas, e portanto são um bem precíval, como o sabem melhor que ninguém as direcções dos órgãos de comunicação social.

A natureza efémera das notícias está intimamente relacionada





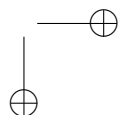
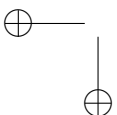
com todas as suas outras características. Diferentes tipos de notícias têm limites de tempo próprios, isto é, mais ou menos longos, consoante a sua importância e o seu interesse. Uma notícia deixa de ser notícia logo que a tensão provocada esvanece e um outro acontecimento atrai a atenção do público.

Muito interessante na epistemologia das notícias é o reparo de Park de que as notícias estão para o público assim como a percepção para o indivíduo.<sup>12</sup> Ambos, público e indivíduo, reagem ao meio envolvente graças à informação recebida, por comunicação no caso das notícias e por percepção no caso dos indivíduos. É essa analogia que explica por que razão as notícias, em circunstâncias normais, não são dadas na forma de uma história, antes como série de episódios desconexos. Tal como a percepção é diversa, inesperada e aleatória na afectação da sensibilidade individual, assim também as notícias afectam o público de forma intermitente, ora puxando a si toda a atenção do público, ora perdendo qualquer interesse.<sup>13</sup>

A primeira reacção de quem recebe uma notícia é o desejo de a contar a outrem. A partir daí surge a conversa, o comentário e pode eventualmente passar-se à discussão. Neste caso surgem diferentes leituras e diferentes interpretações das notícias, e à medida que a discussão avança ou se aprofunda passa-se das notícias de um evento aos assuntos e às questões que o próprio evento suscita. As notícias despoletam e iniciam um processo não apenas informativo, mas também comunicativo entre os que as recebem. A discussão e a tensão, psicológica e social, que a diferença de opiniões e de sen-

<sup>12</sup>“*In fact, news performs somewhat the same functions for the public that perception does for the individual man; that is to say, it does not so much inform as orient the public, giving each and all notice as to what is going on.*”, pg. 677.

<sup>13</sup>“*Public attention under normal conditions is wavering, unsteady, and easily distracted. When the public mind wanders, the rapport, grapevine telegraph, or whatever else it is that insures the transmission of news within the limits of the public ceases to function, tension is relaxed, communication broken off, and what was live news becomes cold fact.*”, pg. 676.



timentos provoca acaba por desembocar numa espécie de consenso ou de opinião colectiva, a chamada opinião pública.<sup>14</sup>

O que vemos aqui, na análise que Park faz da formação da opinião pública a partir da recepção colectiva das notícias, é um entendimento organicista da sociedade. A adaptação da sociedade ao meio circundante é feito mediante a experiência colectiva do que se passa e é noticiado. É como se os jornais fossem os sensores do órgão social. Contudo uma percepção vale pela reacção que provoca no respectivo organismo. Assim, a notícia só é notícia, ou, melhor, só terá valor de notícia, se circular espontaneamente pela sociedade, aliás de uma forma semelhante aos rumores e aos boatos. Diferencia-se, porém, destes na medida em que elas se publicam e assim se tornam num documento público. Ou seja, uma notícia para ser notícia não basta ser dada, tem também de actuar como tal no seio da comunidade e assim ser autenticada. É a circulação social da notícia, isto é, ser comentada, interpretada, discutida, que a identificam como notícia.<sup>15</sup> Uma notícia que não suscitasse qualquer interesse e portanto não conseguisse qualquer circulação na sociedade, não seria propriamente uma notícia. Park vai ao ponto de dizer que o faz as notícias é o interesse das notícias.<sup>16</sup> Mas o interesse varia consoante as circunstâncias, e, portanto, o seu valor é relativo.

As notícias cingem-se a acontecimentos que acarretam consigo mudanças e que exigem de algum modo um reajustamento de posição da sociedade. Trata-se assim de um interesse pragmático e

<sup>14</sup>“*The clash of opinions and sentiments which discussion invariably evokes usually terminates in some sort of consensus or collective opinion ? what we call public opinion. It is upon the interpretation of present events, i. e., news, that public opinion rests.*”, pg. 677.

<sup>15</sup>“*News is more or less authenticated by the fact that it has been exposed to the critical examination of the public to which it is addressed and with whose interests it is concerned.*”, pg. 679.

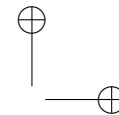
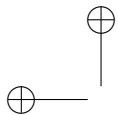
<sup>16</sup>“*The fact is that the thing that makes news is news interest?*”, pg. 680.

não apreciativo. Neste aspecto, uma notícia é diferente de uma anedota ou de uma história. Uma notícia não se aprecia como a uma anedota ou história, antes induz a uma acção ou a uma atitude de tipo pragmático. O carácter cognitivo das notícias é assim de cariz pragmático e de algum modo indispensável à sociedade. Na verdade, o conhecimento científico é recente na história da humanidade. Os gregos criaram a ciência e demarcaram-na do mito e da lenda, as ciências experimentais e exactas são um produto da modernidade e as ciências sociais emergem apenas no século XX. Contudo, as notícias são tão antigas como a humanidade.<sup>17</sup> É que não existe unidade social sem comunicação de notícias.

Robert E. Park reforça a especificidade epistemológica da notícia ao esclarecer a necessária correlação entre sociedade e notícia mediante a analogia com o que se passa numa frota de navios. À expressão “*the fleet in being*” (frota em formação) dá o sentido de que os barcos que compõem a frota estão em comunicação entre si e suficientemente mobilizados para realizarem uma acção conjunta. Com a sociedade passa-se o mesmo. A sociedade encontra-se em formação quando os indivíduos se encontram numa relação de comunicação e integram uma existência colectiva. Essa sociedade encerra uma tensão ou excitação difusa que envolve, como uma atmosfera, os seus membros e tende a dar-lhes uma orientação de interesses e atitudes. É como se houvesse um estado de alma comum a determinar o alcance e o tipo dos seus interesses, atitudes e tendências de acção.<sup>18</sup> Para uma notícia circular tem de haver um certo

<sup>17</sup>“News, so far as it is to be regarded as knowledge at all, I probably as old as mankind, perhaps older.”, pg. 682

<sup>18</sup>“In such a society a diffuse social excitement tends to envelope, like an atmosphere, all participants in the common life and to give a direction and tendency to their interests and attitudes. It is as if the individuals of such a society were dominated by a common mood or state of mind which determined for them the range and character of their interests and theirs attitudes or tendencies to act.”, pg. 683.



grau de tensão na sociedade. Há aliás uma relação directa forte entre a tensão social e a circulação de notícias. Quando a tensão aumenta, como em períodos de guerra, o interesse do público concentra-se em determinados temas e diminui a atenção a notícias outras; estreita-se o leque das notícias em curso, aumenta a intensidade da circulação. Em situações normais, em tempos de paz, as notícias são de um leque muito abrangente. As mudanças sociais continuam a ter lugar, mas tornam-se mais imperceptíveis.

O que destes correlações se conclui é que as notícias servem “para orientar a sociedade no mundo actual e assim para preservar a sanidade do indivíduo e a permanência da sociedade”.<sup>19</sup>

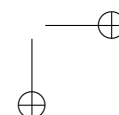
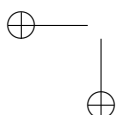
#### **4- Jornalistas profissionais hoje**

O acesso universal à publicitação de informação na Internet constitui um marco revolucionário na história da comunicação, como justamente assinalou Gillmor. Contudo, tal não significa de modo algum que qualquer cidadão que dê informação, mesmo relevante, seja jornalista. Informação relevante é também a informação científica e, não obstante, não é notícia, embora possa ser objecto de notícia. Ser jornalista não é o estar mais informado que outro cidadão e que a partir dessa maior informação passa informação aos outros que têm menos. Neste caso a informação seria vista como um sistema de vasos comunicantes entre indivíduos e aí os jornalistas perderiam efectivamente o sentido do seu agir e da sua profissão. Ora, efectivamente, a abordagem que Dan Gillmor faz do jornalismo é a de uma concepção individualista de informação e não a de uma concepção social à maneira de Robert Park.

A afirmação de Gillmor de que os seus leitores sabem mais do que ele e que isso altera radicalmente a forma como se faz jorna-

---

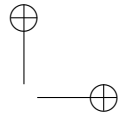
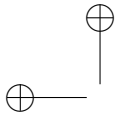
<sup>19</sup>“*The function of news is to orient man and society in an actual world. In so far as it succeeds it tends to preserve the sanity of the individual and the permanence of society.*”, pg. 685.



lismo está correcta, contudo daí não se infere que qualquer cidadão se pode tornar um jornalista. De igual modo, julgar que as novas tecnologias permitem a qualquer um tornar-se um jornalista sem grandes custos<sup>20</sup> constitui tanto um exagero do papel da tecnologia na comunicação como um equívoco grave da especificidade cognitiva e social do jornalismo. Sem dúvida que a interactividade da comunicação online tornou possível a participação de todos no processo jornalístico, introduzindo alterações significativas na maneira de informar. Mas essa participação é enquadrada num processo social balizado pelos jornalistas. Por si só tal informação é individual e carece da dimensão colectiva. Não é pois uma notícia no sentido jornalístico. As informações relevantes que um blog possa conter estão disponíveis a todo o mundo, mas nem por isso são notícias. E não o são porque a sociedade não pega nelas, porque não as discute, porque não circulam. Tornam-se notícia quando um meio de comunicação de natureza jornalística pega nelas e lhes dá o cunho noticioso. É verdade que materialmente a informação é a mesma que estava no blog e que aparece no jornal. Porém a relação dessa informação com a sociedade é completamente diferente num caso e noutro. Num blog está efectivamente disponível a todos, suscita o interesse de indivíduos, mas não se torna num assunto de conversa colectiva, não suscita diferentes interpretações e discussões, provocando desse modo uma reacção colectiva, e, portanto, não é notícia. Ou seja, não basta a informação estar lá disponível, é preciso também que haja um interesse público que leve o colectivo a dar-se conta dela, da novidade que traz, e ajustar a opinião e a acção à nova realidade.

É justamente numa era de exponenciação de informação, e correspondentemente da sua fragmentação, que os jornalistas profissionais se tornam mais necessários. Perante a multiplicidade e a

<sup>20</sup>Gillmor, *We the Media*, pg. XIV: “? because technology has given us a communications toolkit that allows anyone to become a journalist at little cost and, in theory, with global reach.”



divergência das informações disponíveis o todo social tem de encontrar meios apropriados de se dar conta, enquanto todo, dos eventos e das novidades que ocorrem no mundo. Os jornalistas não apenas filtram a informação relevante, mas simultaneamente e sobretudo dão-lhe um cariz de informação colectiva, destinada a todos e com o intuito de induzir a um conhecimento colectivo de determinado evento. Os blogs fragmentam o espaço público, mas cabe ao jornalismo constituir permanentemente esse espaço comum, condição indispensável à vida social.

A ilusão do jornalismo cidadão assenta na confusão de informação acessível a todos com notícia. Ora esta enquanto informação acessível a todos, que antes de tudo também é, tem a especificidade de chegar à consciência social, de ser falada e discutida em diferentes contextos sociais, em casa, no café, no cabeleireiro, entre amigos. A notícia é uma informação com chancela social e é nessa medida que possui uma especificidade epistemológica própria. Nela se funda também a especificidade do jornalismo enquanto actividade e enquanto profissão.

